



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Fashwave: música, estética visual e comportamento fascista no século XXI

Pedro Carvalho Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho realiza uma breve e introdutória análise sobre a *fashwave*, movimento estético e musical derivado da música eletrônica, uma versão de extrema-direita da chamada *synthwave*, que emula no presente uma sonoridade comum a videogames e trilhas sonoras de filmes e desenhos animados dos anos 1980. A *fashwave* une uma sonoridade nostálgica a um aparato imagético no qual elementos da cibercultura se misturam a ícones do fascismo, da cultura ocidental ou políticos da extrema-direita.

Palavras-chave: *Fashwave*; neofascismos; extrema-direita.

Fashwave: music, visual aesthetics and fascist behavior in the XXI century

Abstract: The present work carries out a brief and introductory analysis of *fashwave*, an aesthetic and musical movement derived from electronic music, a far-right version of the so-called *synthwave*, which currently emulates a sound common to video games and soundtracks from films and cartoons of the 1980s. *Fashwave* combines a nostalgic sound with an imagery apparatus in which elements of cyberculture mix with icons of fascism, western culture or far-right politicians.

Keywords: *Fashwave*; neo-fascism; far right.

Introdução

Fashwave é uma palavra que conjuga dois vocábulos: fascismo e *wave* (onda), sendo que o segundo é frequentemente utilizado para classificar tendências modais relacionadas a subculturas dotadas de comportamentos e preferências musicais específicas. A *new wave* foi uma tendência da *pop music* estadunidense na qual não apenas indumentárias, léxicos e preferências sonoras coexistiam, mas que também expunha uma postura rebelde em relação aos padrões comportamentais ligados aos sujeitos considerados mais antiquados dentro da sociedade. É um exemplo de como a palavra *wave* foi acionada para tratar de novidades culturais ao longo do século XX. No caso da *fashwave*, temos um fator atípico: a presença explícita de um aparato simbólico fascista. Portanto, estamos falando de um nicho artístico e musical neofascista.

A *fashwave* une música, design gráfico e linguagem cibernética por meio de discursos fascistas e é, segundo Marc Tuters^{II}, um dos muitos produtos da chamada *alternative right*, ou *alt right*, termo utilizado de forma genérica para se referir aos diversos grupos de extrema-direita nos Estados Unidos que, desde a segunda metade da década passada, ganharam força no país especialmente em torno da figura de Donald Trump, ex-presidente estadunidense. A *alt right* também foi bastante impulsionada por personagens como Steve Bannon, responsável pela campanha de Trump e do site de notícias *Breitbart News*, plataforma que sintetiza a união entre discursos de extrema-direita e *fake news* engajadas em disputas por poder através da difamação dos antípodas de seus projetos políticos.

Os adeptos da chamada *alt right* têm se utilizado francamente de discursos metapolíticos. Portanto, evocam símbolos reacionários e conservadores como guias políticos, buscando ampliar o perímetro político de seus movimentos para incorporar objetivos de mudanças culturais complexas, rejeitando a política moderna racionalista. Inclusive, o negacionismo e o conspiracionismo têm sido um forte mecanismo para afastar as pessoas da política real, bem como uma crítica à ciência moderna, herança do Iluminismo, historicamente sitiada pelos fascismos.^{III} Neste sentido, a *fashwave* ocupa um importante papel: reformular o pensamento político por meio de uma penetração cultural, por vezes aparentemente desprovida de tal intencionalidade.

A *fashwave* pode ser resumida como uma tendência estética e musical, que mistura um aparato imagético comum aos ciberespaço do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com um tipo de música já conhecido como *vapourwave* ou *synthwave*, cujas batidas são eletrônicas e as músicas geralmente são instrumentais. Esse último fator afasta a música *fashwave* do que normalmente vemos em termos de música neofascista, onde as letras possuem grande importância para a disseminação de um comportamento político e de visões de mundo fascistas. O gênero busca uma sátira que apresenta-se desprovida de intenções políticas, mas possui função utilitária para a difusão dos fascismos contemporâneos.

Nosso objetivo neste estudo é examinar o potencial da *fashwave* como meio de idealização de ideias fascistas no presente, bem como sua capacidade de transmissão destas ideias em um mundo cada vez mais conectado, onde a internet, principal meio de publicização desse tipo de música, é o meio de comunicação mais utilizado. Para tanto, analisaremos imagens com design associado ao movimento *fashwave*, retiradas de fóruns onde alguns autores sugerem ter surgido (*4Chan* e *Reddit*), bem como músicas produzidas por pessoas ou coletivos conhecidos por codinomes, como *Cybernazi* e *Xurious* disponibilizadas em plataformas virtuais pelo canal *Cyberactuallysocialist* desde meados de 2016.

OLIVEIRA, P. C.

De volta para o passado: o que nos diz o aparato visual da *flashwave*

De acordo com Marc Tuters^{IV}, um dos mais assíduos investigadores sobre o tema, a *flashwave* surgiu em fóruns do *4Chan* e do *Reddit* em meados da década passada. Tratam-se de espaços onde a chamada *alt right* ganhou imensa força sobretudo entre o público mais fiel destas plataformas: jovens homens, brancos, heterossexuais e de classe média-alta. Boa parte dos adeptos destes fóruns, redes sociais divididas em “salas” nas quais as mais diversas discussões ocorrem, possuem interesses em videogames e na cibercultura de um modo geral. Outros, preferem usar a ferramenta para outros propósitos: unir pessoas com ressentimentos e frustrações semelhantes. É o caso dos *incel* (sigla de *involuntary celibatory*, ou celibatário involuntário), homens indignados com a modernização das relações afetivas e do empoderamento feminino, que seriam, segundo eles, transformações responsáveis por inviabilizar suas relações sexuais com mulheres. Assim, culpam as mulheres por suas frustrações sexuais e o feminismo por destruir as relações tradicionais.^V

Não obstante, a extrema-direita, sob o véu da *alt right* (que se apresenta mais contemporânea, mais ligada a tendências jovens e atuais), consegue coro entre os *incel* por apelar diretamente às suas frustrações e ao buscar culpados para elas: o mundo moderno, herdado do Iluminismo, onde as tradições vêm se desintegrando e uma realidade cada vez menos rígida em termos de costumes se erige. Assim, *incels* e *alt right* compartilham da noção de que a modernidade arruinou a harmonia social, retirando as mulheres do seu antigo papel (mãe, dona de casa, submissa ao marido), criando novos sujeitos cada vez mais autorizados a se manifestar (LGBTQIA+, principalmente) e abrindo espaço para pautas progressistas (antirracismo, feminismo, autonomia indígena, entre outras). Desta forma, o mundo moderno, em contraposição ao mundo tradicional, seria um terreno instável e problemático. Essa mesma percepção está nas origens dos fascismos.^{VI}

Quando nos debruçamos sobre a estética da *flashwave* – que, devemos ressaltar, mistura imagética e música –, percebemos claramente a recusa ao novo e o abraço à tradição, tudo mesclado a uma adaptação da comunicação moderna (virtual) ao passado. A imagem abaixo ilustra perfeitamente isso:

Imagem 1. "Masculinidade é uma coisa sagrada"

Fonte: <https://4chan.org/pol/>

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

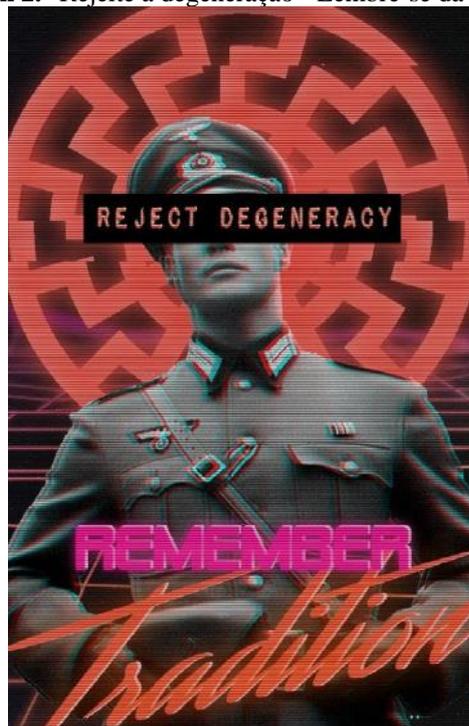
OLIVEIRA, P. C.

Na imagem, vemos a estátua de um guerreiro grego – alusão ao passado, ao antigo, a um símbolo de virilidade – sobre a qual recai a frase “Masculinidade é uma coisa sagrada”. Tanto a fonte da frase quanto as cores da imagem, bem como os efeitos que lembram um monitor mal sintonizado, remetem a uma tecnologia antiga, ultrapassada, referente ao período inicial da internet doméstica. A frase, que explicita o sentimento do criador da imagem e responsável pela sua postagem, curtida e compartilhada por muitos, é óbvia quanto à sua intenção. Ela se torna ainda mais significativa quando percebemos a minúscula inscrição no canto inferior esquerdo da imagem: *the heroic ideal* (“O ideal heróico”).

O livro *The heroic ideal*, de Gregory Kendrick, discute o arquétipo do herói Ocidental e de como ele foi construído ao longo da história. Apesar de suas frágeis bases historiográficas, o autor apresenta este arquétipo a partir da edificação de personalidades masculinas que os *incel*, por exemplo, veem como exemplos a serem seguidos.^{VII} Imagens como a apresentada acima, portanto, idealizam o que seus criadores entendem como modelo de masculinidade: viril, forte, guerreiro. Algo muito próximo do modelo de homem preconizado pelos fascismos desde sua origem: um combatente incansável, disposto a tudo para salvar a comunidade de seus inimigos.^{VIII}

Vejamos agora a imagem abaixo:

Imagem 2. "Rejeite a degeneração - Lembre-se da tradição"



Fonte: //4chan.org/pol/

Neste caso, os discursos amparados no fascismo se tornam mais explícitos. Vemos a frase “Rejeite a degeneração – Lembre-se da tradição” em fontes estilizadas sobre um soldado nazista uniformizado. Ao fundo, o Sol Negro, símbolo que representa o lado esotérico do nazismo e adotado pela *Schutztaffel*, organização paramilitar conhecida por sua sigla SS. Tanto o símbolo quanto a “rede” sob ele são caracterizados por cores e aspectos que aludem à tecnologia representada em filmes e no imaginário cultural do final dos anos 1980 como padrão

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

da cibernética. Outra vez, a tradição é colocada como protagonista e o mundo moderno, “degenerado”, como algo a ser combatido.

No mesmo espaço, podemos ver imagens que se relacionam com o ex-presidente do EUA Donald Trump:

Imagem 3



Fonte: //4chan.org/pol/

Trump, que à época da postagem ainda era presidente dos EUA, aparece estilizado na estética da *flashwave* que, por sua vez, copia o design da *vaporwave*. Quando candidato pelo Partido Republicano, Donald Trump teve amplo apoio da chamada *alt right* e de seus membros que moderavam fóruns no *4Chan*. Na invasão ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021, instigada por Trump que recusava sua derrota para Joe Biden, foi possível ver pessoas segurando uma bandeira da *4Chan* estilizada como uma antiga bandeira nazista.^{IX} Isso ocorreu porque membros de fóruns como o “/pol/” apoiavam os discursos contra o comportamento “politicamente incorreto” proferidos por Trump. Além disso, muitos já se sentiam atraído pelo potencial extremista do republicano e de sua cruzada contra a esquerda, que seria a maior responsável pela criação de um mundo no qual os ideais ocidentais estavam em decadência.^X

Vemos, portanto, como o aparato imagético da *flashwave* dialoga com a manutenção de elementos como o tradicionalismo, o culto à forma masculina e de uma estética propagandística amparada num tipo de design que já era tendência na internet e na moda: a *vaporwave*. Isso atrai a atenção daqueles que usam peças de roupa ou gostam da estética da *vaporwave*, criando um diálogo ou um canal mais próximo com sujeitos distantes dos círculos da extrema direita – conhecidos como *normies* (normais) ou *blue pillers*.^{XI} Esse ajuste entre pensamento reacionário e ferramentas virtuais é bastante funcional para angariar simpatizantes, sendo então um instrumento metapolítico.

A faceta metapolítica dos fascismos vem sendo discutida por especialistas como Ernst Nolte^{XII}, de quem discordamos quanto às suas abordagens sobre totalitarismo, mas foi pioneiro na discussão sobre os fascismos como um comportamento político que vai além do convencional, se apresentando como algo nunca antes visto. Pela primeira vez, uma visão de mundo apresentava, do lado da extrema-direita, a necessidade de transformar o pensamento social e a cultura por meio de elementos simbólicos que, pouco a pouco, modificariam o comportamento geral. Por isso os nazistas, por exemplo, apelavam tanto à imagem, à propaganda e à aparência de seus comícios, bem como investiam substancialmente em

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

mecanismos que aprofundassem o interesse na cultura moderna e instigassem o apreço ao tradicional.

No presente, isso ainda é bastante comum entre movimentos neofascistas como no caso da *flashwave*. Marc Tuters^{XIII} chama isso de *ironic nazism*, ou nazismo irônico. Adeptos da extrema-direita passam a usar memes com simbologia nazista para fazer piadas “politicamente incorretas”. Ao serem acusados de apologia ao nazismo, rebatem argumentando que se tratam apenas de memes, de piadas jocosas, e que as pessoas ofendidas pela “piada” são as verdadeiras culpadas pelo problema, pois estariam vendo seriedade onde há apenas ironia. Isso é o que muitos autores, como Whitney Phillips^{XIV}, têm chamado de uma espécie de *gaslighting* de extrema-direita. Trata-se da prática de provocar a vítima à exaustão, até que esta se manifeste e, ao fazê-lo, é confrontada pelo provocador e classificada como uma pessoa louca, mentalmente perturbada e que vê problemas onde eles não existem. Isso, inclusive, é a base de muitos relacionamentos abusivos.

O caso *Pizzagate* ilustra bem isso. Em 2016, pouco antes do pleito entre Donald Trump e Hillary Clinton, ocorreu um vazamento de e-mails associados a John Podesta, um dos chefes de campanha da candidata democrata. Os documentos vieram à público via *WikiLeaks*, embora não houvesse qualquer anormalidade ou gravidade nos assuntos discutidos nas mensagens. Porém, no fórum /pol/^{XV}, do *4Chan*, começou um debate sobre a frequente repetição das palavras “pizza”, “queijo” e “molho” nos e-mails. Por meio de memes, os frequentadores do fórum começaram a associar os termos a codinomes para se referir a pornografia infantil e pedofilia. Tony Podesta, irmão de John, era dono da pizzaria *Comet Ping Pong*, onde, segundo os membros do fórum, estariam ocorrendo orgias envolvendo crianças. Não houve qualquer prova da veracidade destes fatos. Contudo, o boato acabou, por meio de memes, emergindo dos fóruns e ganhando a opinião pública, tendo, segundo analistas, sido decisivo para o fracasso da campanha de Clinton.^{XVI} Abaixo, vemos uma postagem no *board* /pol/, em 11 de novembro de 2016, comentando a teoria falsa, em matéria divulgada pelo *The New York Times*^{XVII}. A teoria vem acompanhada de um meme sobre Julian Assange, responsável pela *WikiLeaks*:

Imagem 4. Board do 4Chan onde a falsa teoria do Pizzagate tem início



Fonte: //www.nytimes.com/interactive/2016/12/10/business/media/pizzagate.html

Seguindo essa tendência, ocorreu em 2017 o episódio que ficou marcado como o surgimento do *Q-Anon*. De forma anônima, como em muitos casos, uma mensagem foi postada e chamou a atenção dos participantes do fórum /pol/, do *4Chan*. Sem qualquer prova, a mensagem se referia à existência de uma conspiração internacional levada a cabo por membros do Partido Democrata, por meio da qual estaria sendo criada uma rede de pedofilia. Os democratas estariam sendo acobertados pela esquerda internacional, que tirava proveito da suposta rede. Além disso, democratas e esquerda radical estariam criando uma espécie de “Estado Profundo”, um tipo de poder paralelo ao gabinete de Trump e focado em estabelecer

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

um edifício cultural interessado na destruição das tradições e dos costumes estadunidenses. Grupos radicais de esquerda estariam, então, organizados para desmobilizar a campanha à reeleição de Trump.^{XVIII}

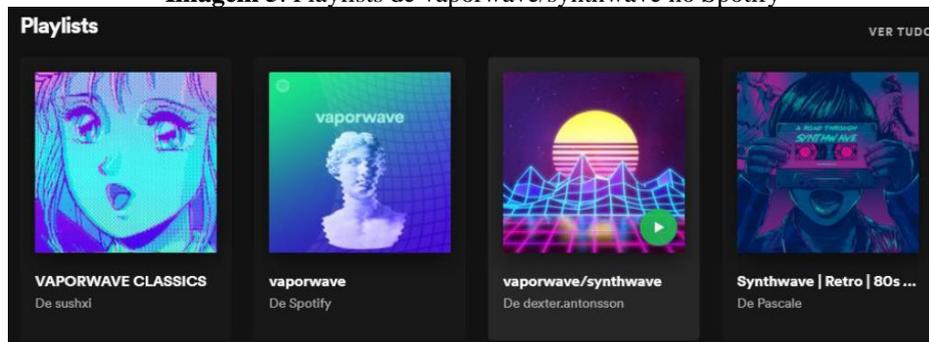
Como bem sabemos, o conspiracionismo é parte intrínseca ao imaginário fascista, seja no passado ou no presente. A ideia de que há sempre um inimigo prestes a destruir a solidez dos referenciais socioculturais de uma determinada comunidade, ou de um estilo de vida específico, causa medo no eleitorado que, com frequência, se vê apto a abandonar direitos a fim de se sentir protegido. É com isso que movimentos neofascistas trabalham e ganham força, repetindo o exemplo dos fascismos clássicos.^{XIX} Benito Mussolini insistia que a Itália estava prestes a ser tomada pelos comunistas. Adolf Hitler energizou os alemães a acreditarem que o incêndio do *Reichstag*, em 1933, eram obra de um motim comunista que destruiria o país. Os nazistas acreditavam numa conspiração judaica internacional para dominar o mundo, preconizada num documento falso chamado Os Protocolos dos Sábios de Sião, publicado na Rússia em fins do século XIX. Pensavam também que a União Soviética era uma das grandes conquistas dessa conspiração falsa, uma vez que associavam o marxismo ao Iluminismo e, portanto, à obra secular de domínio judaica, uma falácia utilizada para assassinar judeus.

O aparato imagético da *fashwave* nos diz muita coisa. Primeiro, como os fascismos se apropriam de temáticas e interesses modais do presente – como a volta do estilo cibernético dos anos 1980-90 – para se aproximar de um público que, por menos que compartilhe do radicalismo fascista, aprecia elementos da cultura contemporânea transformados pelos neofascistas em propaganda e pode ter apreço por discursos de direita. Assim, a barreira entre a moderação e o extremismo pode ser quebrada. Segundo, nos diz como a propaganda fascista tem se transformado fazendo amplo uso de ferramentas contemporâneas e se aproveitando do contexto existente. Terceiro, nos apresenta a relação dos neofascismos com sujeitos que se consideram rejeitados em uma realidade na qual não conseguem se encaixar e são, eles mesmos, produtores de um tipo de conteúdo útil à propagação da extrema-direita. A música possui uma função semelhante.

***Fashwave* e música: propagandas sonoras sem palavras**

Desde o final da década passada, o gênero conhecido como *synthwave*, ou *vaporwave*, ganhou bastante notoriedade. Como vemos na imagem abaixo, existem até mesmo *playlists* em plataformas de *streaming* dedicadas ao gênero:

Imagem 5. Playlists de vaporwave/synthwave no Spotify



De modo geral, as músicas de *vaporwave/synthwave* são instrumentais, fazem uso abusivo de sintetizadores, são ramificações contemporâneas do gênero eletrônico e vêm

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

acompanhados de um aparato estético que evoca luzes neon e ilustrações comuns nos anos 1980 e início dos anos 1990. As músicas também lembram canções daquela época, mas possuem os pés no presente trazendo elementos sonoros e estéticos singulares ao nosso tempo, como o uso de programas de computador e aplicativos de celular nas composições. É um gênero bastante apreciado por jovens que usam a internet para criar conteúdo. Portanto, é um gênero consideravelmente popular entre adolescentes e jovens adultos.

A *fashwave* se apropria do nome e da estética desse gênero para criar um próprio, no qual a grande diferença em relação ao modelo original é a presença da estética fascista fundida à estética *vaporwave/synthwave* ilustrando capas de CDs e *singles* lançados virtualmente. Portanto, a música *fashwave* é idêntica à *vaporwave/synthwave*, exceto pela existência, em alguns casos, da sobreposição de discursos de Hitler e Mussolini, bem como de Trump, em algumas músicas. É, contudo, no visual que acompanha as músicas que se encontra a maior parte do aceno de seus compositores aos fascismos. Lembrem-se: estamos no território da internet, onde as relações e as ações podem ser bastante fluidas, insólitas e nem sempre coerentes com o que já conhecemos.

Se as músicas da *fashwave* não possuem letras apologéticas aos fascismos, como podemos fazer a relação entre uma coisa e outra? Para responder a este questionamento, vejamos como um usuário denominado *Cyberactuallysocialist* disponibilizou, em uma plataforma de *streaming*, a música *Take back our future*, atribuída a um certo *Cybernazi*:

Imagem 6. Imagem do player onde se encontra a música *Take back our future*, de *Cybernazi*, no SoundCloud



Fonte: //soundcloud.com/aleste-g20/sets/cybernazi

O nome do artista ao qual a música está atribuída imediatamente explicita suas preferências políticas. Afinal, por que alguém se autointitularia como *Cybernazi* se não fosse, de fato, um nazista? Porém, entra em discussão o debate sobre *gaslighting* que fizemos há alguns parágrafos: o compositor da música quer que o público entenda se tratar, de fato, de um tipo de música associada ao nazismo, ou quer provocar reações do público contrário ao nazismo, especialmente os estadunidenses democratas e de esquerda? A imagem do *Pepe, the frog*^{XX}, um dos maiores ícones da *alt right*, aparece estilizado na “capa” do single. Trata-se, portanto, de pura ironia ou de propaganda neofascista? Causar esta confusão é uma das intenções deste movimento.

Essa estratégia sinaliza para o uso do que alguns especialistas têm chamado de *dog whistle*. O termo se refere aos apitos que somente os cães podem ouvir, muito utilizados no adestramento de animais. No universo da *alt right*, o *dog whistle* seria um símbolo, palavra ou gesto que remete ao imaginário da extrema-direita e somente aqueles familiarizados com isso poderão compreender. Da mesma forma, aqueles que não compreendem podem se sentir seduzidos pela curiosidade e, após buscar sobre o assunto, acabam se interessando por ele. Afinal, trata-se de algo exclusivo e conhecido por poucos, estranho aos mais velhos e às normas convencionais, portanto possui certo ar de subversão, provocação e sarcasmo. Por fim, é uma

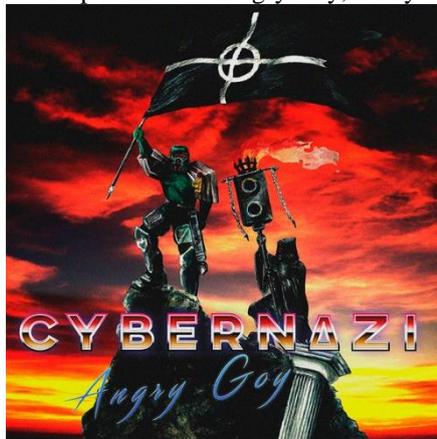
FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

forma de falar sobre algo sem falar, deixando em dúvida aquele que se depara com o termo, a imagem ou a ação.^{XXI}

O envolvimento do suposto artista *Cybernazi* com ideias neonazistas se torna facilmente atestado quando observamos os títulos das músicas presentes em álbuns atribuídos a ele, como aqueles listados pela *Discogs*, um dos maiores catálogos online de discos do mundo.^{XXII} Ele possui um álbum chamado *Galactic Lebensraun*, termo em alemão que se refere à limpeza étnica empreendida pelos nazistas. Nele há músicas como *Aryan Future* (“futuro ariano”) e *Cyber Campf* (“luta cibernética”), em clara referência à obra *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. Outro álbum, *Angry Goy*, possui uma faixa intitulada *Neon (Nazi) Lights*, além de ser ilustrado por uma bandeira com a cruz celta, símbolo muito utilizado por militantes neofascistas.

Imagem 7. Capa do álbum *Angry Goy*, de *Cybernazi* (2016)



Outra banda apresentada pelo usuário *Cyberactuallysocialist*, na plataforma *SoundCloud*, é a *Xurious*. O *single* de *Memories of tomorrow* tem como capa a imagem de dois soldados nazistas sobre cavalos empunhando armas, como vemos na imagem a seguir:

Imagem 8. Single da música *Memories of tomorrow*, de *Xurious*



Novamente, temos uma música instrumental que nada fala sobre nazismo. Além da capa, nenhum outro elemento presente na música demonstra qualquer associação dos compositores envolvidos na produção com o nazismo. Mas, a presença de soldados nazistas ilustrando a capa não é suficiente para fazermos essa conexão? Se não for, podemos buscar o álbum *Rise of the alt right* (“ascensão da direita alternativa”), de 2016, cujo título deixa claro o alinhamento ideológico dos produtores da música. No ano seguinte, *Xurious* lançou o álbum *Right wing Youth* (“juventude de direita”), com músicas como *White wake* (“acordem, brancos”) e *Return of the righ* (“retorno da direita”). No mesmo ano, lançou o disco *Future Fash*, nome em referência ao gênero *fashwave* e, em 2018, o CD *Revolt against the modern world* (“revolta contra o mundo moderno”), declarando seu ódio à modernidade e ao que

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO
SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

acredita ser o motivo da decadência ocidental.^{XXIII} Em todos os álbuns há referências sobre supremacia branca, *alt right* e exaltação às tradições.

Esta preferência pelas tradições pressupõe uma rejeição ao mundo moderno, como já mencionamos. Reiteramos isto porque, para a *alt right*, movimento ao qual a *flashwave* está associada, trata-se de um discurso que se repete e, com isso, se torna fundamental aos fascismos contemporâneos. Os *Proud Boys*, uma das organizações neofascistas mais atuantes nos EUA desde a década passada, tem como norte a crítica à modernidade e à complexa rede de relações que o presente tem permitido, descentrando papéis e realocando-os a partir de esforços coletivos engajados em mudanças e na abertura de espaços para novos sujeitos que ameaçam a ordem estabelecida. Para a organização, é necessário defender a família tradicional (composta por homem, mulher e filhos), proteger a masculinidade e a virilidade, rejeitar a homossexualidade e as contradições de classe que inviabilizam uma sociedade homogênea e corporativa, alicerçada no conjunto de símbolos culturais ditos ocidentais.^{XXIV}

Trata-se de uma adaptação ao presente de uma característica marcante dos fascismos clássicos. O mundo moderno alterou as relações sociais e produziu novas formas de sociabilidade, causando transformações comportamentais e criando sentimentos de instabilidade para aqueles que se sentiam mais seguros dentro de um sistema tradicional. Assim:

Esse sentimento de deslocamento no mundo, normalmente acompanhado por frustração, perda, raiva e temor, acentuou-se ao longo do século XX (...). Em resposta, vastos conjuntos humanos, cada vez mais extensos, saíram à busca de respostas que reinventassem a segurança de um mundo tradicional, muitas vezes largamente idealizado.^{XXV}

Para os fascistas do passado, tanto o liberalismo quanto o socialismo propunham mudanças e rupturas muito grandes em relação ao passado, causando instabilidade e receio de que as pessoas não soubessem como se comportar diante de um mundo em constante transformação. Por isso os fascistas geralmente se voltavam a um passado idílico como referência para o presente: o grande Império Romano, na Itália, e o Império Germânico, na Alemanha. Entre os fascistas dos EUA, é frequente a alusão ao tempo da escravidão, onde os negros não possuíam quaisquer direitos e a cultura protestante regia comportamentos com maior amplitude. No Brasil, os integralistas viam a colônia como referência de harmonia social – afinal, todos os líderes da Ação Integralista Brasileira eram brancos.

Por isso há tanta rejeição ao mundo moderno e tantos acenos à tradição na *flashwave*: ela é composta majoritariamente por jovens brancos de classe média, heterossexuais e machistas, que se encontram ameaçados pelo adensamento da participação de mulheres, imigrantes, negros e outros sujeitos historicamente marginalizados na construção do presente, com vistas para o futuro. Por não conseguirem se encaixar nesse novo mundo em transformação, o agriem frontalmente e se organizam para alastrar a ideia de que a segurança contra a instabilidade e o medo está no passado. Os *Proud Boys* levam isso às últimas consequências, inclusive promovendo atos de violência como alguns já registrados pela *Anti-Defamation League*, grupo engajado no mapeamento e denúncia de crimes de ódio nos EUA.^{XXVI} A música certamente possui um papel significativo na ampliação de grupos como esse, atraindo simpatizantes para a causa.

Considerações finais

A *fashwave* é um movimento estético/musical de extrema-direita surgido em fóruns virtuais nos EUA. Mistura elementos simbólicos (visual cibernético antigo) e sonoros dos anos 1980 e 90 (batidas sintéticas e eletrônicas) com imagens referentes ao universo dos fascismos clássicos. Surgiu entre os anos de 2015 e 2016 entre simpatizantes da *alt right*, ou “nova direita estadunidense”, cujo território privilegiado de atuação é a internet. Este instrumento facilitou não apenas a produção estética/musical da *fashwave*, que dialoga diretamente com o ciberuniverso, mas também sua disseminação.

Musicalmente, a *fashwave* tem como característica batidas instrumentais eletrônicas, muitas vezes produzidas por programas de computador, justamente para soar como parte do mundo virtual. Mesmo sem letras, algumas músicas acompanham álbuns ou são lançados em singles com capas e títulos que dialogam abertamente com o tradicionalismo, a *alt right*, a extrema-direita e os fascismos. Contudo, apelam à ideia de que a associação com os fascismos feita pelo público é equivocada, produto da imaginação e, portanto, uma falácia. Por ser um tipo de música que se aproxima de outros gêneros apreciados pelos simpatizantes da música pop, pode aproximar um público leigo de ideias neofascistas.

A estética visual dessas peças musicais acena ao tradicionalismo, ao passado e à simbologia fascista, sejam as clássicas ou as mais atuais, como memes criados pela extrema-direita e pela *alt right* de um modo geral. Isso pode ser visto como uma forma de cooptação de símbolos culturais, a exemplo dos memes, para se aproximar de um público mais amplo e ainda distante da militância neofascista. Os memes têm sido um grande aliado da extrema-direita desde a eleição de Donald Trump, transmitindo desinformação e notícias falsas.

É curioso observarmos como a *fashwave*, que a todo tempo evoca o tradicionalismo, se faz de uma das ferramentas de comunicação mais modernas que existem: a internet. Como sabemos, os fascismos, de ontem e de hoje, são essencialmente incoerentes, mas buscam justificar estas incoerências transformando-as de alguma maneira. Se a internet é moderna e o discurso da *fashwave* é tradicional, seus idealizadores usam um aparato estético de um tempo em que o espaço virtual era menos desenvolvido, em que a internet era menos usada, ou seja, criam uma espécie de passado idílico da internet. Podemos perceber, com isso, a permanência de uma constante ideia de presente em decadência, em contraposição a um passado pretensamente harmônico e idealizado. O culto à forma masculina e a uma estética propagandística também aproxima a *fashwave* dos fascismos clássicos.

A *fashwave* é um movimento ainda pouco conhecido e que carece de estudos mais aprofundados, sobretudo no Brasil, aonde tem chegado com certo impacto entre círculos reacionários existentes em comunidades virtuais e redes sociais. Este trabalho é, além de uma introdução, de uma proposta para conhecer melhor os caminhos dos fascismos no presente, um convite a pesquisadores do tema que se disponham a conhecer melhor o objeto de nosso curto exame. Os fascismos se transformam constantemente para permanecerem vivos. Ou melhor, são intencionalmente transformados por pessoas interessadas em sua existência. É fundamental conhecermos estas transformações.

Notas

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo-UEM).

FASHWAVE: MÚSICA, ESTÉTICA VISUAL E COMPORTAMENTO FASCISTA NO
SÉCULO XXI

OLIVEIRA, P. C.

-
- ^{II} TUTERS, Marc. *Fashwave and the false paradox of ironic nazism*. **Krisis: journal for contemporary philosophy** (Groningen), vol. 01, n. 41, 2021, p. 172-178.
- ^{III} GIANOCELLI, Eve. The unification of the ‘New Right’? On Europe, identity politics and reactionary ideologies. **New Perspectives** (London), vol. 1, n. 04, 2021, p. 364-375.
- ^{IV} TUTERS, Marc. Op. cit.
- ^V FAYET JÚNIOR, Ney; HOUPERT, Victoria do Nascimento; FLORES, Bianca Pata. **A loucura dos rejeitados: uma análise do movimento incel**. São Paulo: Elegância Juris, 2019.
- ^{VI} TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. *Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade*. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, p. 123-146.
- ^{VII} FAYET JÚNIOR, Ney *et al.* Op. cit.
- ^{VIII} ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. São Paulo: Editora Record, 2018.
- ^{IX} COLINS, Bem. “Online far-right movements fracture in wake of Capitol riot”. **NBC News**, jan. 15 2021. Disponível em <https://www.nbcnews.com/tech/internet/online-far-right-movements-fracture-wake-capitol-riot-n1254459>.
- ^X TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. Op. cit.
- ^{XI} O termo *blue pillers*, ou algo como “os que tomam a pílula azul”, se refere ao filme *The Matrix*, de 1999. No filme, o personagem principal, Neo (Keanu Reeves), precisa escolher entre continuar levando sua vida normalmente ou descobrir a verdade que está por trás do que aparenta ser real e, na verdade, nada mais é do que um programa de computador criado para enganar os humanos. Para saber a verdade, ele necessita tomar uma pílula vermelha. Para se manter alienado, deve escolher a pílula azul. É comum a extrema-direita contemporânea classificar seus adversários como alienados, subvertendo a ideia de que existe uma ideologia dominante hegemonicamente de esquerda.
- ^{XII} NOLTE, Erns. *O fascismo como fenômeno metapolítico*. In: RODRIGUES, Antônio Edimilson Martins. (Org.). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- ^{XIII} TUTERS, Marc. Op. cit.
- ^{XIV} PHILLIPS, Whitney. **This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture**. Massachusetts: The MIT Press, 2015.
- ^{XV} Fórum do *4Chan* onde os usuários proferem livremente temas considerados “politicamente incorretos”, como discursos de ódio. É considerado um bastião da *alt right*.
- ^{XVI} PHILLIPS, Whitney. Op. cit.
- ^{XVII} NEW York Times, The. “Dissecting the pizzagate conspiracy”. **The New York Times**, 18 nov. 2016. Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2016/12/10/business/media/pizzagate.html?mtrref=undefined&gwh=7EB03ED8621D8754C388034CCF50ADD3&gwt=pay&assetType=PAYWALL>
- ^{XVIII} HERMANSSON, Patrik *et al.* **The International Alt-Right: Fascism for the 21st Century?** Abingdon: Routledge, 2020.
- ^{XIX} GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ^{XX} Para mais sobre isso, ver Anti-Defamation League. 2018. “Pepe the Frog”. <https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/pepe-the-frog>.
- ^{XXI} BHAT, Prashanth; KLEIN, Ofra. *Covert Hate Speech: White Nationalists and Dog Whistle Communication on Twitter*. In: BOUVIER, Gwen; ROSENBAUN, Judith E. (Orgs.). **Twitter, the Public Sphere, and the Chaos of Online Deliberation**. Suíça: Springer Link, 2020, 151-172
- ^{XXII} Ver Discogs – Cybernazi - Disponível em https://www.discogs.com/pt_BR/artist/5339696-Cybernazi
- ^{XXIII} Ver Discogs – Xurious – Disponível em https://www.discogs.com/pt_BR/artist/5895854-Xurious
- ^{XXIV} STERN, Alexandra Minna. **Proud Boys and the White Ethnostate: How the Alt-Right Is Warping the American Imagination**. Nova York: Beacon Press, 2020.
- ^{XXV} TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Op. cit., p. 127.
- ^{XXVI} ANTI-Defamation League. “Latest Violence Showcases Proud Boys’ Toxic Mix of Politics and Bigotry”. **Anti-Defamation League**, 05 set. 2021. Disponível em <https://www.adl.org/blog/latest-violence-showcases-proud-boys-toxic-mix-of-politics-and-bigotry>.

Referências bibliográficas

BHAT, Prashanth; KLEIN, Ofra. Covert Hate Speech: White Nationalists and Dog Whistle Communication on Twitter. In: BOUVIER, Gwen; ROSENBAUN, Judith E. (Orgs.). **Twitter, the Public Sphere, and the Chaos of Online Deliberation**. Suíça: Springer Link, 2020, 151-172

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. São Paulo: Editora Record, 2018.

FAYET JÚNIOR, Ney; HOUPERT, Victoria do Nascimento; FLORES, Bianca Pata. **A loucura dos rejeitados: uma análise do movimento incel**. São Paulo: Elegancia Juris, 2019.

GIANOCELLI, Eve. The unification of the ‘New Right’? On Europe, identity politics and reactionary ideologies. **New Perspectives** (London), vol. 1, n. 04, 2021, p. 364-375

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HERMANSSON, Patrik et al. **The International Alt-Right: Fascism for the 21st Century?** Abingdon: Routledge, 2020.

NOLTE, Erns. O fascismo como fenômeno metapolítico. In: RODRIGUES, Antônio Edimilson Martins. (Org.). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

PHILLIPS, Whitney. **This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture**. Massachusetts: The MIT Press, 2015.

STERN, Alexandra Minna. **Proud Boys and the White Ethnostate: How the Alt-Right Is Warping the American Imagination**. Nova York: Beacon Press, 2020.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, p. 123-146.

TUTERS, Marc. Fashwave and the false paradox of ironic nazism. **Krisis: journal for contemporary philosophy** (Groningen), vol. 01, n. 41, 2021, p. 172-178.